www.Desenredos.com.br

ENSAIO

ATÉ TU, BRUTUS?
O DRAMA DO MELHOR AMIGO DE JÚLIO CÉSAR

Albéris Eron Flávio de Oliveira

Neste ensaio, partilho algumas inquietações sobre a peça "A Tragédia de Júlio César", escrita por Shakespeare em 1599, a partir da decisão tomada por Brutus, um dos personagens principais do drama. Tenho levado esse texto para rodas de conversa com amigos e estudantes de literatura em minha instituição. Confesso, tem valido muito a pena rever e reler obras de arte como as escritas pelo bardo inglês.

Todos nós somos testemunhas das muitas publicações de Shakespeare. Elas incluem 39 peças de teatro, 154 sonetos e dois poemas longos, narrativos. Ele escreveu comédias, tragédias e peças históricas – todas entre os anos de 1590 e 1613. Obras que continuam entre as mais encenadas e estudadas do mundo.

Shakespeare escreveu tudo com penas de ganso e de outras aves – corvo, coruja, falcão e cisne. Eu, agora, quase estou vendo o bardo inglês se preparando para usá-las: o silêncio em sua sala; ele sob a luz de uma vela sobre uma mesa de madeira; a pena entre os dedos.

Sentado, ele transforma em palavras suas ideias e produz suas obras de arte do mesmo modo como um pintor o faz com seus pincéis,

21753903

cuidadosamente, meticulosamente, escolhendo o tom de suas cores. Podemos imaginar o tempo que Shakespeare dedicou para escrever cada uma de suas peças.

Shakespeare escreveu a maioria de seus textos para serem encenados em teatro. Era no teatro o primeiro contato das pessoas com eles. Ninguém tinha direito ao material escrito – ou quase ninguém. Livros eram peças raras entre o povo, especialmente porque quase ninguém sabia ler.

Agora, antes de pensarmos na decisão de Brutus como tópico central da peça, pensemos em "Júlio César", o famoso general romano, personagem principal da peça de Shakespeare, descrito pelo historiador grego Plutarco.

Júlio César era um militar extremamente hábil. Sua engenhosidade política inspirou muitos homens. Sua coragem determinou a expansão de Roma e de sua língua. Júlio César construiu uma reputação irrefutável entre os seus. Até mesmo entre os seus melhores soldados e senadores – eles o admiravam.

O legado de Júlio César tem sido estudado até os dias de hoje. É importante dizer que no tempo de Plutarco, o Império Romano já havia se estabelecido e, então, era impossível fugir da política naquele contexto. Plutarco deixou detalhes sobre a vida de Júlio César em sua principal obra, "Vidas Paralelas".

Shakespeare leu Plutarco para escrever a sua peça sobre Júlio César.

"A Tragédia de Júlio César" faz parte dos escritos políticos do escritor inglês e se passa em Roma. Ao lado de "Coriolano" e de "Marco Antônio", elas quase fazem uma espécie de trilogia sobre a Roma. Não sei se isso é verdade. Desconfio de que não seja dada a distância entre as histórias descritas em seus enredos. Mas, tematicamente, sim. São um bloco importante e vinculados a governos de Roma.

O enredo da Tragédia de Júlio César trata de uma conspiração contra o grande general que havia se tornado extremamente poderoso e era visto, então, como uma ameaça à república romana. O destaque na narrativa histórica é que, entre esses conspiradores, está o seu melhor amigo: Brutus.

Discutida por estudiosos ao longo do tempo, essa conspiração tem sido matéria de rodas de conversa e aulas sobre o teatro elizabetano inglês. E ela tem saltado para o nosso tempo. Nesses dias, ela também chegou à instituição em que trabalho, uma vez que decidimos oferecer a leitura de Júlio César como um curso complementar para nossa comunidade escolar.

De fato, historicamente, Júlio César liderou Roma entre os anos de 58 e 45 a.C. e o tempo dramático em que se passa a peça é aproximadamente entre os anos de 44 e 42 a.C.

Todos sabemos sobre o que levou à conspiração contra o general Júlio César. De fato, há algumas razões que quero evidenciar. Destaco que, possivelmente e exaustivamente, as que partilho já foram discutidas entre estudiosos de Shakespeare pelo mundo afora. Acredito.

Vamos a elas.

Primeiro: Poder.

Naquele contexto, Júlio César era contado como alguém que já havia ultrapassado os limites de um líder republicano. É que no cenário em que a peça apresenta o general romano, ele já se aproxima de uma figura quase monárquica. Havia, de fato, uma concentração excessiva de poder sobre ele. Brutus, seu melhor amigo, estava tentando entender o tamanho daquele poder.

Segundo: Ambição.

Esse foi o principal argumento de seus conspiradores.

Segundo eles, havia a ideia de que Júlio César seria perigoso em um futuro próximo. Há quem diga que esse pensamento traduza mais uma projeção de medo do que uma evidência concreta. Contudo, esse tema cresceu e ganhou lugar entre os mais próximos do general. Aqui já destacamos a figura de Brutus. Ele foi contactado sobre a ambição de Júlio César como um perigo iminente para Roma.

Terceiro: Lealdade.

O paradoxo sobre esse ponto está na tensão que existe entre amizade e poder. Brutus, o personagem que queremos destacar neste ensaio, por exemplo, segundo depreendemos do enredo, embora ame César, acredita que deve priorizar Roma. Mas, não sem sofrimento:

Brutus opta pela lealdade política à cidade em vez de lealdade pessoal ao general romano.

Essa decisão, de fato, envolveu um custo definitivamente emocional e ético para Brutus – assim como deve ter sido para seus amigos.

Vamos ao quarto e último tópico: Manipulação Política.

Talvez esse seja o drama mais profundo da peça.

O conflito que vive Brutus antes do assassinato é interno – e intenso. Brutus, literalmente, age contra seus sentimentos pessoais em nome de um ideal político, republicano e isso traz consequências definitivas, de fórum íntimo e coletivo.

O fato é que a postura de Brutus, o seu comportamento ético, é completamente atravessado por dúvidas, por pressões e por diversas interpretações que até hoje são motivos de discussões. Se ele agiu certo ou errado, esse é um dilema que tem resistido ao tempo.

De todo modo, ao final da peça, parece, o que podemos entender é que quis o autor nos chamar a atenção para o fato de que decisões no campo da política são sempre marcadas por incertezas. Brutus e seus amigos decidiram por suspeição a respeito do que César poderia vir a ser – embora a grandeza e o poder de Júlio já fossem muito visível. Contudo, uma vez iniciado o plano político, ele ganha vida própria e suas consequências escapam do controle de seus agentes.

Aos olhos de Marco Antônio, por exemplo, a decisão de Brutus – a quem ele considera o mais nobre dos homens em Roma – não desfaz o erro, apenas o torna mais complexo.

O final, todos conhecemos. Brutus cumpri o seu dever como cidadão romano, ao mesmo tempo em que houve a frase histórica de seu governador: Até tu, Brutus?

Não havia como esconder mais. Brutus havia traído o seu grande amigo.

Então eu pergunto a você, leitor, leitora: no lugar de Brutus, o que você faria? Teria tomado a mesma decisão que ele tomou?

Sim ou não?

ALBÉRIS ERON FLÁVIO DE OLIVEIRA é professor de Ensino Básico, Técnico e Tecnológico no IFRN – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do RN, mestre em literatura e doutor em Linguística pela UFRN. Autor de *77 anos desde o diário de Anne Frank: Cartas de Canguaretama ao Mundo*, em 2022.